

O ano de 2021 ficará marcado como um daqueles em que fomos desafiados em todos os sentidos. Se uma pandemia continua a nos colocar em situações-limite, a dificuldade de lidar com algum tipo de “normalidade” parece repercutir em diferentes contextos de nossa vida social.

Mas o “normal” contemporâneo é o risco, a insegurança e a incerteza que se intensificam à medida que nos interditam a possibilidade de projeção. Se o “estado de exceção”¹ se torna a normalidade, o risco deixa de ser um extremo para conformar não apenas o cotidiano, mas a própria cotidianidade. Não é a mera repetição constante de estruturas familiares que perfazem um “todo-o-dia”, mas a negação de um devir que se retifica como uma linha sucessória tranvestida de história.

Persistir se aproxima, assim, de um resistir. Mas não é apenas resistência aos impactos, mas a busca de uma resiliência em sentido existencial, que reafirme a possibilidade da elaboração da memória, da identidade e de um projeto que se estende e se limita na alteridade.

Neste sentido, é especial lançar mais um número de **Geograficidade**, o n.2 de 2021: inverno que se repete. Temos um total de seis **artigos**, duas **notas**, uma **resenha** e duas **experimentações**.

Iniciamos com “Um caminhar pelo método de Goethe: primeiros passos para análise de paisagem”, de Maíra Kahl **Ferraz**, no qual a autora tece importante itinerário pela fenomenologia de Goethe, trazendo aproximações das práticas e princípios do autor para a análise de paisagem. O resultado, pautado em aplicações práticas, instiga ao aprofundamento e possíveis desdobramentos do método do mestre alemão em diferentes contextos contemporâneos.

Larissa Alves de **Oliveira** e Jeani Delgado Paschoal **Moura** trazem, em “Ser-no-mundo no ensinar e aprender geografia: possibilidades para uma educação geográfica humanista e existencial”, uma contribuição para a educação geográfica a partir da experiência de ser-no-mundo, oferecendo uma perspectiva existencial. A chave está na relação ensinar-aprender, compreendida fenomenologicamente a partir do pensamento heideggeriano.

“Retrato de Chile según Violeta: una aproximación geográfica al cancionero popular chileno (1957 y 1958) a partir de las categorías de espacio poético y espacio de resistencia”, de Agustín **Arosteguy**, é um potente trabalho que nos

¹ AGAMBEN, Giorgio. **Estado de exceção**. Trad. Iraci D. Poleti . São Paulo: Boitempo, 2004.

permite vislumbrar o alcance que as relações entre música e espacialidade podem reverberar na ciência geográfica. O artigo discute as músicas de Violeta Parra e suas repercussões políticas no Chile.

Já “As ‘igrejas inclusivas’ em Fortaleza-CE: território LGBTQ de resistência e fé”, de Thiago José **Oliveira**, Ana Paula do Nascimento **Vasconcelos** e Otávio José Lemos **Costa**, traz importante provocação em pesquisa que aborda o fenômeno das igrejas inclusivas como territórios de luta das populações LGBTQ identificadas como cristãs. Em uma perspectiva que cruza a Geografia da Religião com os estudos do espaço urbano e da sexualidade, o artigo mobiliza importante pesquisa em um tema pouco tratado em contexto brasileiro.

Marina Rossi **Ferreira** nos brinda com “‘Lar doce lar’ – A cozinha como centro afetivo da casa”, no qual defende o papel da cozinha como centro afetivo da casa, o que implica mais que um cômodo, mas um significado profundo que entrelaça o vivenciado, o lugar e a alimentação. Trata-se de contribuição para o estudo do sabor na geografia, em sua perspectiva humanista.

Por fim, Jaqueline da Silva **Teixeira** e Andréa Maria Narciso Rocha de **Paula** trazem importante estudo que articula as relações rural-urbanas a partir da mobilidade. “O sentido do lugar no contexto da mobilidade: dinâmicas entre o rural e o urbano” é um elogio tanto do lugar quanto da importância do rural no mundo contemporâneo, revelando sua presença nos processos migratórios e no imaginário, mesmo no deslocamento.

Na seção **Notas e resenhas**, apresentamos “A história da geografia no olhar fenomenológico de Eric Dardel: revisitando a obra ‘O homem e a terra’”, de Anderson Ferreira **Aquino** e Magda Valéria da **Silva**, que fazem um excelente resgate do trecho pouco discutido da obra clássica de Dardel, mostrando suas potencialidades; e “A sociedade como passagem e a natureza como permanência”, de Reginaldo José de **Souza**, que apresenta reflexões oriundas de sua prática docente, no enfrentamento das difíceis relações sociedade-natureza. A seção termina com a resenha de Leandro Pessoa **Vieira** do livro “Fenomenologia do ser-situado: crônicas de um verão tropical urbano”, de Eduardo Marandola Jr.

Trazemos, encerrando o número, duas experimentações fotográficas: “A paisagem das Folias de Reis em Carmo do Rio Claro/MG”, de Fabio **Martins**, e “Dissolver fronteiras: a MMX é nossa!”, de Pablo Sebastian Moreira **Fernandez**.

Agradeço ao suporte e colaboração de autores, revisores e leitores. Nestes tempos especialmente difíceis de exceção-permanente, agradeço ao contínuo trabalho da Equipe Editorial e do suporte dos membros do Grupo de Pesquisa Geografia Humanista Cultural.

Eduardo Marandola Jr.
Editor-Chefe